

CENÁRIOS DE ALEGRIA:

Memória Fotográfica das Festividades em Jacobina (1930-1970)

Fernanda Barbosa¹

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar as festividades na cidade de Jacobina-Bahia, a partir das fotografias mostrando como as mesmas podem utilizadas enquanto instrumento de fonte. Para este estudo, foram utilizados arquivos fotográficos e acervo dos jornais que circulavam entre os anos de 1930-1970. Tendo a fotografia como fonte principal na perspectiva de investigar a partir da metodologia serial em seus conjuntos. A partir destes, foi possível notar um silenciamento quanto as festividades celebradas pela população menos abastada na cidade, embora isso não significava dizer que tais grupos não celebravam as festas a seu modo. Dessa forma, não conhecer a trajetória das fotografias enquanto objeto materializado implicou na realização de uma análise mais apurada a respeito da produção, recepção e todo o contexto. Embora o estudo tenha abarcado o que foi proposto, há sempre lacunas, a fotografia enquanto fonte possibilita ao pesquisador estabelecer olhares a respeito do que ela tem a dizer, perguntas que podem ser feitas e o caminho a percorrer em busca das repostas aos questionamentos. Por fim, a proposta foi contribuir para os estudos sobre festividades nas cidades do interior baiano.

PALAVRAS-CHAVE: Memória fotográfica; Fotógrafos; Festividades; Jacobina.

Abstract

The article aims to present the festivities in the city of Jacobina-Bahia, from the photographs showing how they can be used as a source instrument. For this study, were used photographic archives and collection of the newspapers that

¹ Graduanda no curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/IV). Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, como pré-requisito para obtenção do grau de Graduação no curso de Licenciatura plena em História. Orientador: Prof. Dr. Valter de Oliveira.

circulated between the years of 1930-1970. Taking the photograph as the main source from the perspective of investigating from the serial methodology in their sets. From these, it was possible to note a silencing of the festivities celebrated by the less wealthy population in the city, although that did not mean that such groups did not celebrate the celebrations in their own way. In this way, not knowing the trajectory of the photographs as materialized object implied in the accomplishment of a more accurate analysis regarding the production, reception and all the context. Although the study has covered what was proposed, there are always gaps, photography as a source enables the researcher to establish glances about what she has to say, questions that can be asked and the way to go in search of answers to questions. Finally, the proposal was to contribute to studies about festivities in the cities of the interior of Bahia.

KEY WORDS: Photographic memory; Photographers; Festivities; Jacobina.

Introdução

As fotografias são testemunhas de realidades existentes ou semelhantes, que oferecem ao espectador uma oportunidade de rememorar o que foi registrado, a depender da relação ou conhecimento prévio a respeito da imagem posta. A fotografia enquanto arte mexe com a nossa sensibilidade, nos fornece emoções, sensações que enchem o nosso olhar. Como registro documental, mantém nosso olhar atento para o que ela tenha a nos dizer, a partir dos questionamentos levantados pelo que está sendo visto. As fotografias das festividades em Jacobina são memórias de um passado existente que estão diretamente relacionadas à memória afetiva, por parte de quem vivenciou ou não aqueles momentos.

O presente artigo tem como objetivo apresentar as festividades na cidade de Jacobina-Bahia, a partir das fotografias mostrando como as mesmas podem utilizadas enquanto instrumento de fonte. Para este estudo, foram utilizados arquivos fotográficos e jornais que circulavam entre os anos de 1930-1970. Além disso, a fotografia foi eleita como principal fonte, a qual foi analisada a partir de metodologia serial e notando a materialidade das imagens na sua circulação e veiculação.

O desejo de pesquisar tal temática surgiu a partir das leituras sobre fotografia e festas e também o acesso aos arquivos fotográficos em formato digital disponibilizado pelo orientador, Valter de Oliveira, através de pesquisas realizadas junto ao NECC (Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade). Durante dois anos de vigência, enquanto aluna bolsista de Iniciação Científica, período esse dedicado aos estudos sobre as fotografias das festas em Jacobina. Na primeira pesquisa foi discutido as festividades na cidade, na perspectiva fotográfica de Osmar Micucci, entre os anos de 1950 a 1960. Micucci é um fotógrafo que atuou na cidade entre as décadas de 1950 e 1980 registrando as mais diversas cenas, vistas em seu cotidiano. A segunda pesquisa teve como objetivo mapear a memória fotográfica da Micareta em Jacobina, buscando analisar as imagens no processo do desenvolvimento da festa e a sua influência cultural na cidade entre as décadas de 1930 e 1970.

Jacobina: Um Percorso Fotográfico

No final do século XIX já havia aumentado o número de estúdios fotográficos e conseqüentemente de fotógrafos na capital baiana, que se espalhavam pelas cidades e localidades do interior do Estado trabalhando como fotógrafos ambulantes, dedicando-se a produção de retratos de pessoas, famílias e também de cidades. A cidade foi por muito tempo um tema que os fotógrafos se dedicavam em registrar. Através da fotografia ficava visível o avanço urbano e tecnológico dos grandes centros.

A constante presença de fotógrafos atuando na cidade fez com que se registrassem as modificações em seu aspecto urbano. Nesse período, o fotógrafo agia como um espectador privilegiado, pois estava com o seu olhar atento aos diversos acontecimentos que o rodeava (OLIVEIRA, 2007).

Muitos profissionais da fotografia não se concentravam apenas nas grandes capitais, visto que as pequenas cidades dos sertões puderam contar também com suas presenças. Jacobina foi uma dessas, uma vez que a partir dos anos 1920, o fotógrafo Rosendo Borges proporcionava aos moradores uma ótima oportunidade de serem fotografados (OLIVEIRA, 2010).

Ao longo do século XX, Jacobina era considerada como um importante centro econômico, político e cultural dos sertões baianos. Localizada a 330 km de Salvador numa região que atualmente é conhecida como Piemonte da

Chapada Diamantina, a cidade viveu diversas transformações urbanísticas. As produções fotográficas desses profissionais em Jacobina contribuíram significativamente para a construção da memória fotográfica da cidade. Entre os profissionais, Juventino Rodrigues, Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro se destacaram registrando os diversos acontecimentos no cotidiano da cidade.

Nascido em 1910, na cidade de Mundo Novo, interior do Estado, Juventino José Rodrigues era filho de José Querino Rodrigues e Clara Rosa Rodrigues. Casou-se duas vezes. Do primeiro casamento ficou viúvo, posteriormente viveu uma segunda união. Em nenhuma das uniões teve filho, mas ajudou a criar os sobrinhos, Lidenício Ribeiro e Elieser, que herdaram do tio o ofício de fotógrafo. J. Rodrigues iniciou seu trabalho como fotógrafo na década de 1930 sendo um dos pioneiros no ofício. Neste período a cidade passava por um momento de transformações urbanísticas com a chegada da ferrovia em 1920 sendo este um fator relevante para o desenvolvimento de Jacobina.

Juventino Rodrigues atuou em Jacobina entre os anos de 1930 e 1950, durante esse período montou um estúdio fotográfico chamado *Photo Ideal*, no qual se destacou em seu ofício trabalhando com fotografia de estúdio e proporcionando a população um resultado satisfatório dos momentos registrados. O que se via na prática de J. Rodrigues era que apesar dos contratempos em manter um estúdio numa pequena cidade do interior, ele não deixava a desejar no seu trabalho (OLIVEIRA, 2006).

Outro que se destacou como fotógrafo na cidade foi Osmar Micucci de Figueiredo. Nascido em 1938, no município de Djalma Dutra (atual Miguel Calmon), situado a 30 km de Jacobina. O primeiro filho do casal Carolino Figueiredo Filho e Berardina Micucci de Figueiredo. Foi em Jacobina que Micucci, aos treze anos, teve o seu primeiro contato com a fotografia, por intermédio do seu pai, que no exercício de comerciante, via na fotografia uma maneira de aumentar a renda familiar. Afetado por uma doença na coluna que comprometeu a sua saúde por alguns anos, Carolino Filho saiu em busca de tratamento na Europa, e da Itália trouxe uma câmera *Zaisslcon*, com a qual passou a trabalhar na região, fazendo múltiplos registros da cidade e das pessoas.

Com o apoio do pai, Micucci foi despertando o seu interesse pela fotografia e assim foi apreendendo e aperfeiçoando o seu trabalho a cada dia. Em Jacobina, a partir da década de 1950, Micucci se destacou enquanto fotógrafo registrando as mais diversas cenas do cotidiano, com seu olhar atento e cuidadoso. Além disso, alguns acontecimentos importantes, como visita do presidente JK, partidas de futebol, enchentes do rio Itapicuru e as festas seculares e religiosas.

Osmar Micucci desde que começou a dedicar-se a fotografia levou em consideração o cuidado ao registrar informações relevantes quanto às mesmas. A prática em arquivar os seus registros demonstrava que o mesmo suspeitava que em algum momento essas seriam úteis à escrita da história de Jacobina (OLIVEIRA, 2010).

O terceiro fotógrafo que pretende-se destacar é Lidenício Ribeiro. Nascido em 1946, na fazenda Caldeirão, município de Piritiba, Lidenício mudou-se para Jacobina ainda garoto indo morar com seu tio Juventino Rodrigues para estudar. Como era um menino esperto, aprendeu cedo a manipular equipamentos fotográficos, fazendo suas primeiras fotos com cerca de treze anos de idade, iniciando na atividade ainda nos anos 60. Morou em São Paulo na mesma década e lá continuou exercendo a profissão.

Ao retornar em princípio dos anos de 1970, assume o *Foto Bahia*, juntamente com seu irmão Elieser. Enquanto Elieser se aperfeiçoava na arte da retocagem, atividade mais presa ao estúdio, Lidenício atuava como fotógrafo de reportagem, o que lhe possibilitou produzir imagens da cidade e da sociedade em diversos momentos da história local. Apontando sua câmera para o conjunto arquitetônico, o tecido urbano e as diversas manifestações culturais de Jacobina, Lidenício se mostrou um verdadeiro amante tanto da fotografia como da cidade (OLIVEIRA, 2006).

A Cidade e suas Festas

Na historiografia brasileira a constituição do tema sobre cidade só foi ganhando reconhecimento a partir da década de 1980, quando entrou para a pauta dos grupos de pesquisa em programas de pós-graduação nas universidades. Essa abertura possibilitou aos pesquisadores o interesse por temáticas relacionadas ao urbano sob o domínio dos estudos historiográficos.

Bresciani (2001) discute o conceito de cidade inicialmente, a partir da sua materialidade porque com o passar do tempo a mesma vai se modificando. O ideal de progresso aparecia como um conceito que estava relacionado à cidade na intenção de transformar o cenário urbano e o cotidiano.

A partir desse aspecto, é possível pensar em Jacobina enquanto uma cidade interiorana do sertão baiano que ao longo do século XX apresentava elementos que lhe permitia acesso à chamada “modernidade”, ou seja, a cidade estava deixando os costumes rurais por urbanos.

Nesse sentido, como discute Oliveira (2007) modernidade era sinônimo de progresso o qual estava ligado à extração do ouro, a chegada da ferrovia, construção de edifícios, além da presença de fotógrafos na cidade esses conseguiram passar uma ideia de uma cidade moderna em seus registros fotográficos, tais aspectos davam entender o início desse desenvolvimento, porém os hábitos da população continuavam em muitos aspectos inalterados. E tais, incomodavam a elite letrada que almejava uma sociedade civilizada, principalmente, no tocante às suas festas.

As festas na cultura popular europeia tradicional eram tidas como acontecimento mais importante. As mais diversas comemorações sejam seculares ou cristãs, festas de família, casamentos, festas de comunidades ou anuais e o Carnaval fazia parte do calendário da época. Essas ocasiões modificavam o cotidiano, a importância desse momento era também representada a partir das roupas, para participar das festas optavam-se pelas melhores, sinalizando a relevância do acontecimento. Tais instantes festivos estimulavam as pessoas a esbanjarem as economias feitas no dia a dia.

Como discute Burke (1980), o Carnaval era a principal festa popular, um momento de euforia e entusiasmo. Uma pausa nas atividades do cotidiano para vivenciar essa festividade. O Carnaval era a genuína representação de “o mundo de cabeça para baixo”, era o momento da inversão dos papéis: homens se vestiam de mulher e vice-versa, das fantasias, o instante em que a desordem era permitida pela sociedade.

Diante disso, o calendário cristão entrava em discordância com o secular já que o Carnaval era celebrado no período em que os cristãos católicos viviam o tempo da Quaresma, ao qual se dedicavam ao recolhimento, jejum e abstinência. Pode-se perceber que essa cultura europeia retratada por Burke

(1980) em seus estudos sobre cultura popular há muita influência na formação da cultura popular brasileira em se tratando de como eram celebradas essas festividades.

É importante levar em consideração que o estudo sobre festa é relativamente recente na historiografia, ou seja, a partir dos anos 70 do século passado, quando emerge na sociedade a manifestação das minorias, rompendo com o tradicional e abrindo espaço para cultura popular, despertando a atenção dos historiadores para esse campo específico. É nesse sentido, que Silva (2010), a partir do reconhecimento de novos elementos como fontes históricas, modifica a maneira de olhar e escrever a história, ampliando os horizontes quanto às pesquisas e temáticas, antes inexistentes.

O conceito de festa trazido por alguns estudiosos dessa temática, a exemplo de Amaral (1998) e Couto (2008) se dá a partir de um ato essencialmente coletivo que por ser um ato público, implica a participação comum na sociedade de grupos onde os participantes ocupem lugares diversos e específicos. A festa para que aconteça é preciso que haja uma interrupção no cotidiano das pessoas em suas atividades. Nesse aspecto, é vista como uma maneira de desligar-se da realidade e permitir que a euforia assuma o controle do indivíduo fazendo com que esqueçam as regras, a boa conduta e o comportamento.

Por isso, as festas possuem início e fim. Por outro lado, é possível perceber que as festas fazem com que a participação coletiva expunha a uma identidade, construída através de elementos internos e externos. Embora o conceito traga como um ato comum é importante destacar que há fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que são relevantes e exercem relações de poder nesses ambientes festivos.

Em seu aspecto cultural, entre os anos de 1930 e 1970 em Jacobina se contava com um ativo calendário festivo que incluía eventos tanto seculares quanto religiosos. As festas religiosas como a do Divino Espírito Santo, de Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição, *Corpus Christi* e as demais comemorações religiosas, revelavam uma cidade comum que manifestava a sua fé, por meio da religião.

Com isso, pode-se notar que as festas cristãs presentes na cidade e destaque na imprensa local e nas fotografias são todas referentes à Igreja

Católica. As festas seculares também eram diversas e frequentes entre as quais se destacam: Semana da Pátria, Micareta. A Micareta de Jacobina é uma festa que surgiu na década de 20 do século passado, de origem francesa, mas que após chegar ao Brasil ganhou características nacionais.

As comemorações festivas eram organizadas e contava com a participação da elite local que patrocinava esses eventos. A Micareta é um exemplo disso, assim como na cultura tradicional europeia essa festividade significava muito para a cidade, a preparação era intensa. Ao longo do ano em Jacobina as festividades constituíam as datas comemorativas na cidade que se distribuíam no decorrer dos meses de março a dezembro. A partir dos acervos fotográficos foi possível elencar as principais festas: Micareta, Divino Espírito Santo, Santo Antônio, São Benedito, Semana da Pátria, Nossa Senhora da Conceição. Para título de análise, a classificação foi feita como festas seculares e religiosas.

A Fotografia como Fonte

No final do século XIX e início dos anos XX, um número significativo de historiadores se recusaram a reconhecer a fotografia como fonte de pesquisa histórica, pois muitos deles estavam arraigados ainda por uma história de caráter positivista, a qual os instruíam aos métodos de investigação históricos. É nesse sentido que Borges (2011) discute a fotografia e o seu reconhecimento pela historiografia enquanto fonte.

Durante a pesquisa a fotografia foi eleita como fonte principal, além disso, foram utilizados jornais que circulavam pela cidade, como fonte secundária. Nesse aspecto, foi analisando como as informações a respeito das festividades que eram publicadas em suas edições se pôde estabelecer um contraponto entre as fontes. As fotografias foram obtidas a partir dos acervos fotográficos sobre a Memória Fotográfica de Jacobina e também de acervos particulares de alguns fotógrafos, aos quais foi possível destacar como Juventino Rodrigues, Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro que se notabilizaram socialmente em Jacobina fotografando o cotidiano das pessoas, as vistas da cidade, bem como as festas.

Os jornais foram disponibilizados nos acervos digitalizados da imprensa em Jacobina pelo Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC) e Núcleo de

Estudos Orais, Memória e Iconografia (NEO). Destaque para *O Lidador*, que circulou em Jacobina entre os anos de 1933 a 1943 tendo como responsável o Sr. Nemésio Lima. A partir do ano 1934 a 1942 foram encontradas diversas edições que traziam publicações sobre a Micareta com imagens, denotando assim a importância cultural dessa festa na cidade. Com relação às outras festividades, neste mesmo período encontram-se publicações que demonstram as festas como elementos culturais da cidade.

O jornal *Vanguarda*, também foi outro periódico consultado. Seus redatores eram os senhores Floriano Mota e Demócrito Soares. Circulou entre os anos de 1955 a 1959, e pelo tempo em que se manteve em curso trouxe em suas edições uma quantidade relativa entre as festas seculares e religiosas. O jornal *A Palavra* circulou entre os anos de 1973 a 1994 e em seu período de circulação rendeu um número significativo de publicações sobre as festividades na cidade entre os anos de 1973 a 1978 principalmente as de origem secular como Micareta e Semana da Pátria.

A partir daí foi feito um levantamento dos acervos fotográficos sobre as festividades na cidade, buscando analisar tais imagens no processo do seu desenvolvimento e a sua importância cultural no contexto social. Para analisar essas imagens foram utilizadas referências nos textos de Mauad (2004) sobre fotografia e as possibilidades de análise, no qual a autora elenca métodos para o trabalho técnico com as fotografias, a partir da noção de série e coleção que está relacionado à materialidade da imagem, ou seja, como essa imagem foi produzida, recebida e circulada no contexto social.

Também foi utilizado como referência Kossoy (2007), que descreve a trajetória de uma fotógrafa que chega ao Brasil no final dos anos 30. Kossoy (2007) se propõe a analisar essas imagens a partir do uso como veículo de informação, ligada ao fotojornalismo, no qual orienta o pesquisador sobre o olhar que deve ser lançado a fotografia, sendo essa não apenas um registro de um fato, mas é preciso estar atento e questionar o que foi silenciado, a fotografia em contato com as fontes escritas enriquecem o conhecimento e revelava dados antes inexistentes. O autor salienta também que é importante o pesquisador se atentar ao contexto histórico trazido nas imagens, principalmente quando estas são vinculadas nas mídias e jornais.

A leitura de Sontag (2004) também foi importante visto que discute inicialmente a trajetória da fotografia até se tornar formato digital que temos hoje. Para muitos, a fotografia expressa a realidade, a prova de um fato que ocorreu, porém, a autora sinaliza que a mesma foi resultado de um ângulo, um olhar uma interpretação suscetível de intencionalidade. A fotografia é apenas uma miniatura de um aspecto revelado ao qual, qualquer pessoa pode fazer ou adquirir. As fotos são testemunhas, mesmo que tenham sido adulteradas, retocadas ou recortadas denotam algum aspecto de uma realidade que existiu ou semelhante a ela.

Em seus estudos sobre história e fotografia, Oliveira (2010) tem se dedicado ao estudo da fotografia enquanto fonte analisando a materialidade da imagem tanto em seu aspecto artístico quanto técnico, no contexto que a mesma está inserida estabelecendo diálogo com outras fontes.

A partir dos caminhos apresentados por esses autores e das fotografias encontradas nos acervos, pode-se interpretar as fotos das festas em Jacobina como comemorações existentes. Apesar de que nesse estudo os registros aqui existentes são de um pequeno grupo da elite local sendo inquestionável negar a existências destas comemorações tendo as fotografias como testemunhas.

Memória Fotográfica das Festividades na Cidade

O conceito de memória foi importante para pensar a fotografia. Percebê-la como um documento que ao ser investigado oferece vestígios que faz o pesquisador refletir e questionar a partir da imagem elementos presentes e ausentes (LE GOFF, 1990). Conhecer as trajetórias das fotografias como objeto auxiliaria nesse processo, infelizmente não sendo possível nesse estudo. Os fotógrafos, como espectadores privilegiados, ao registrar determinado fato estavam empregando seus olhares direcionados e seletivos.

As fotografias das festas em Jacobina, hoje como lugares de memória remetem a um passado festivo na cidade (NORA, 1984). Esse lugar corresponde à necessidade de uma intencionalidade que é a de mantê-la viva, a partir da materialização desse conjunto de imagens com o intuito de preservar uma versão da história e também, a valiosa contribuição para o desenvolvimento desse estudo sobre as festas em Jacobina.

O caminho percorrido para a análise destas fotos foi a partir do método serial considerando os espaços geográficos e fotográficos como discute Mauad (2004) questionando sobre quem as produziu, qual o contexto social, em que meio foi propagada, o que ela retrata, quem aparece, mas também tendo atenção sobre o que foi ocultado ou silenciado. Inicialmente as fotografias foram separadas a partir do ano em que foram produzidas, o fotógrafo responsável pelo registro, a temática e posteriormente classificadas em festas seculares e religiosas.

O espaço fotográfico compreende o recorte espacial englobando na sua composição natural, inclui a quem este espaço foi vinculado seja fotógrafo amador ou profissional, além dos recursos colocados à sua disposição. Neste caso, são consideradas as informações relativas a história técnica da fotografia e os itens como tamanho, enquadramento, nitidez e produtor que materializam a expressão fotográfica. Já o espaço geográfico abrange o espaço físico revelado na fotografia, são os ambientes onde as fotos foram feitas e o caminho de mudança ocorrida nestes locais no decorrer do recorte temporal estabelecido. Esse espaço não é homogêneo, mas marcado por oposições como campo/cidade, fundo artificial/natural, ambiente externo/interno, público/privado e etc. Esta categoria inclui o ano, local retratado, atributos da paisagem, objetos tamanhos, enquadramento, nitidez e produtor. (MAUAD, p.33, 2004).

Festas Seculares

Em Jacobina as festividades possuíam grande relevância e destaque no calendário anual. Tais comemorações marcam a construção cultural e expressa as manifestações culturais daquela sociedade, isso é perceptível na cobertura que a imprensa local concedia, a exemplo da Micareta e Semana da Pátria. Nas fotografias entre os anos de 1950 a 1959 que compreende as festividades Semana da Pátria mais especificamente e também a Micareta que se prolonga até o ano 1970 foi possível fazer análise da trajetória desses eventos e a sua importância enquanto manifestação cultural.

Semana da Pátria

A Semana da Pátria era uma comemoração que acontecia nos dias que antecediam a festa da Independência do Brasil. Como discute Silva (2011), as festividades cívicas não se caracterizam apenas em momentos de entretenimento, o dia da Pátria era um momento de exultação, júbilo e alegria pelo significado patriótico ao qual era atribuído o sentido da comemoração.

Além do que, as festas apareciam como mecanismos educativos eficazes, pois era a partir dessas comemorações e dos jovens estudantes, que as autoridades disseminavam esse sentimento nacionalista de respeito e amor à Nação entre a comunidade. Não que todos fossem influenciados diretamente por tal prática, mas, certamente, boa parte da população permitia-se vivenciar tal contexto.

Pelas publicações nos jornais e as fotografias foi possível perceber que era uma comemoração que chamava a atenção dos moradores da cidade, além do que contavam com a participação de estudantes, crianças e do tiro de guerra, os instrumentos de percussão e sopro também compunha a comemoração. No dia do desfile as ruas ficavam cheias pelo fluxo de pessoas que paravam para assistir e aqueles que iriam desfilar. Com relação a abordagem midiática pode-se considerar que tanto os jornais quanto as fotografias contemplaram a comemoração em sua amplitude. No jornal O Lيدador foram contabilizadas 04 publicações, o Vanguarda 09 publicações e o A Palavra 11 publicações.

As imagens analisadas são do fotógrafo Osmar Micucci correspondente ao ano de 1959. No seu acervo particular foram contabilizadas 14 fotos que tem como pano de fundo vários pontos da cidade, entre os quais podem se destacar, 5 fotos parte da praça Rio Branco, outras 4 o início da rua do bairro do Leader e as outras 5 próximo a Igreja Matriz e ruas próximas as imediações por onde passava o desfile, aspectos que correspondem ao espaço fotográfico.

Com relação ao espaço geográfico, todas as composições são em preto e branco, com enquadramento em 13 fotos o autor buscou fotografar grande número de pessoas que participavam da comemoração, 7 fotos com a câmera posicionada de cima para baixo como um meio de alcançar mais pessoas, como na foto (01). E 1 foto com crianças segurando a bandeira, na qual se torna elemento central da fotografia, os arquivos são todos negativos digitalizados no tamanho 6x6.



Semana da Pátria, 1959. Foto: Osmar Micucci. Arquivo digitalizado de negativo 6x6. NECC/UNEB (foto 01)

Micareta

A Micareta era celebrada no período quaresmal, momento de recolhimento acompanhado de jejum, oração e penitência para os cristãos católicos. Dentro de uma proposta tipicamente carnavalesca na forma de festejar, a micareta é vista “como um carnaval fora de época” que no decorrer da sua trajetória ganhou a admiração de muitos que participavam e viam como uma festa civilizada. Na primeira metade do século XX em Jacobina, a folia era preparada principalmente para um público de alto poder aquisitivo naquela sociedade, pois esses foliões podiam arcar com as despesas, enquanto a participação daqueles que possuíam baixo poder econômico era bastante inferior nas comemorações. A Micareta acontecia durante o dia, com os desfiles dos blocos que era formado por um grupo de pessoas que se reunia nas ruas para brincar, e a noite com os majestosos bailes (SANTOS, 2001).

Essa foi a festividade que obteve maior espaço nas fotografias e imprensa, por ser um evento que reunia parte da sociedade jacobinense e muitos desses que participavam viam como uma festa “civilizada” pois imitava os bailes das grandes capitais. Nos jornais haviam muitas publicações sobre a Micareta, com notas e matérias que anunciavam a festa até o seu encerramento. O jornal *O Lidador* foi o periódico que mais anunciou a festa com 33 publicações em suas edições ao longo do período que esteve em circulação (1933-1942), em uma de suas edições trouxe imagens a respeito da Micareta de 1941. Seguido de outros jornais, como o *A Palavra* com 8 publicações entre (1973-1978), e o *Vanguarda* com 13 publicações entre (1955-1959) em suas respectivas épocas em circulação.

Nas fotografias também pode-se perceber uma quantidade significativa de imagens desde os anos de 1930 até 1970 possibilitando análise da festa ao longo dos anos, notando as mudanças na maneira de festejar, nos espaços físicos, a estrutura da festa de modo geral. É importante destacar que ao longo dessas décadas foram vários os fotógrafos, cada um podendo assim direcionar o seu olhar registrando os mais diversos momentos da festa. No acervo consultado sobre a Micareta foi possível notar uma trajetória da festa e identificar os fotógrafos responsáveis pelos registros de tais momentos.

As primeiras fotos foram feitas pelo fotógrafo Juventino Rodrigues, suas fotografias correspondem aos anos de 1930 (6 fotos) e 1940 (4 fotos). Já entre

1950 (42 fotos) e 1960 (10 fotos) as fotos são de Osmar Micucci. Em 1970, o cenário da festa muda, sendo este um momento oportuno registrado por Lidenício Ribeiro com (12 fotos). Totalizando 74 fotos da Micareta, a partir da análise do espaço geográfico foi possível perceber que o ambiente físico visto na fotografia foi modificado ao longo do tempo.

Dos anos de 1930 até 1960 as festas eram comemoradas em ambientes fechados, como nas fotos (04, 05, 06), nesta última, registro de como o ambiente era preparado para receber os foliões nos bailes. A partir da década de 1970 como podemos ver nas fotos (07) e (08) já se comemorava nas ruas e praças, atribuindo um novo significado a esta festividade. Com relação ao espaço geográfico todas as fotos em preto branco, negativos digitalizados no tamanho 6x6, como pano de fundo em algumas imagens é possível visualizar pontos da cidade, já em outras, ambiente interno que seriam os clubes onde aconteciam os bailes.



Micareta, 1937. Foto: Juventino Rodrigues. Arquivo digitalizado NECC/UNEB. (foto 02)



Micareta, 1941. Foto: Juventino Rodrigues. Arquivo digitalizado. NECC/UNEB. (foto 03)



Micareta, 1958. Foto: Osmar Micucci. Arquivos digitalizado de negativo 6x6. NECC/UNEB (foto 04)



Micareta, 1958. Foto: Osmar Micucci. Arquivo digitalizado de negativo 6x6. NECC/UNEB (foto 05)



Clube Aurora para a Micareta 1960. Foto: Osmar Micucci. Arquivo digitalizado de negativo 6x6. NECC/UNEB (foto 06)



Micareta, 1970. Foto: Lidenício Ribeiro. Arquivo digitalizado de negativo 6x6. NECC/UNEB (foto 07).



Micareta, 1970. Foto: Lidenício Ribeiro. Arquivo digitalizado de negativo 6x6. NECC/UNEB (foto 08).

Festas Religiosas

As festas religiosas fazem parte da formação cultural do Brasil. Foi por meio da colonização que o catolicismo chegou ao País e se popularizou. A festa é caracterizada pela interrupção no cotidiano, mudanças nas atividades para que determinado evento ocorra. Tem-se também a ideia de que causa uma certa “desordem” social, embora seja importante ressaltar que não é bem assim. Para que a festa se realize é necessário que ordens sejam estipuladas e cumpridas para que tudo aconteça como planejado. Nas festas religiosas, para entrar em contato com o sagrado são necessários alguns protocolos entre as pessoas que participam, para que o ato se realize (LEONEL, 2010).

Em Jacobina, as festas religiosas aqui destacadas são: a do Divino Espírito Santo, Santo Antônio, São Benedito, *Corpus Christi* e Nossa Senhora da Conceição. Todas da Igreja Católica, que ao longo do tempo foram se tornando parte do calendário local e expressão da manifestação de fé. Como este trabalho tem a fotografia como fonte principal optou-se pela mesma para análise de dados, em contraponto a esta os jornais foram eleitos como fonte secundária, sendo estes responsáveis pela ampla divulgação dessas festas, que frequentemente veiculavam em suas edições. Embora nem todas as fotos aqui postas foram de festas divulgadas nos jornais, vale ressaltar que a imprensa local propagava com frequência as festas da comunidade católica.

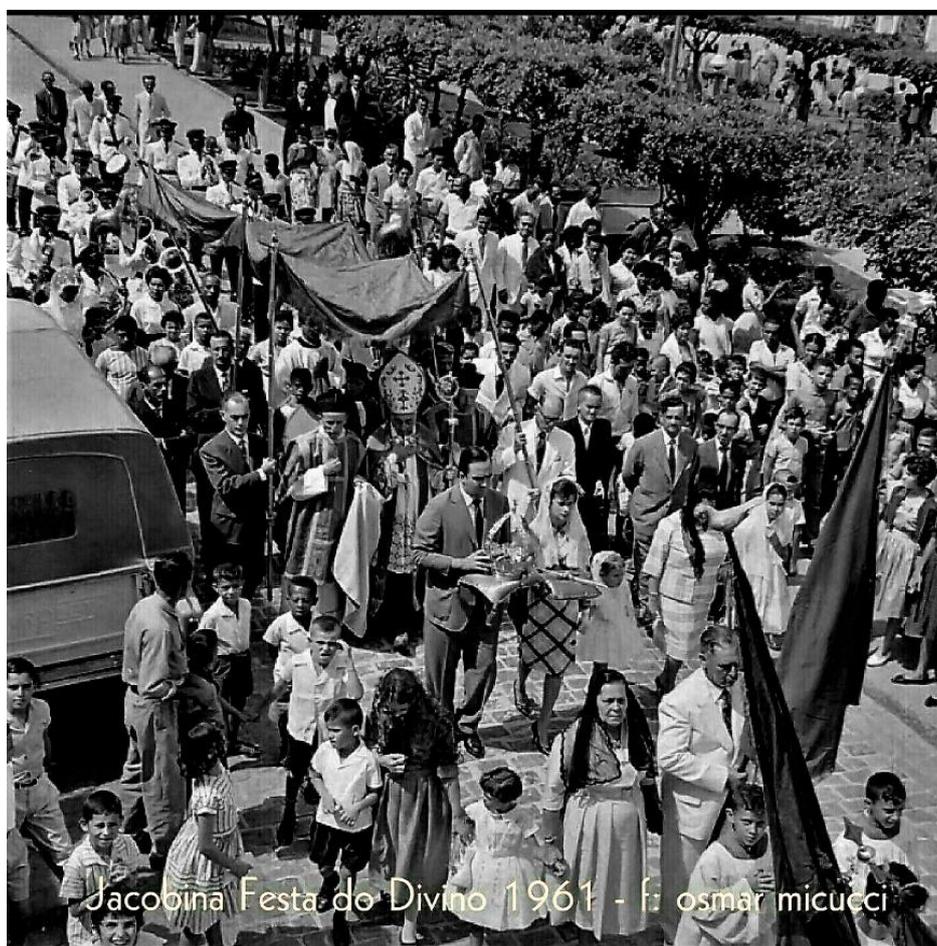
Festa do Divino Espírito Santo

A festa do Divino Espírito Santo é uma celebração religiosa muito popular no Brasil e na Europa. Chegou ao Brasil trazida pelos portugueses no período colonial, no decorrer do tempo a festa foi se tornando uma das principais manifestações praticadas no país. É celebrada pelos católicos 50 dias após a Páscoa, o dia de Pentecostes representa a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, o ponto central da solenidade é o louvor a terceira pessoa da Trindade (MACHADO, 2014).

Em Jacobina, essa festa se tornou tradição e ganhou destaque tanto na imprensa quanto nas fotografias, podendo assim perceber a influência que a Igreja exercia naquele período. Nos jornais as publicações eram recorrentes,

no jornal O Lidador foram encontradas 09 publicações, Vanguarda 06 publicações e no A Palavra 04 publicações a respeito deste evento religioso.

As fotografias são de autoria de Osmar Micucci do ano de 1957, com 8 fotos e uma de 1961. As fotos são registros de uma parte do festejo que é a procissão, como pano de fundo aparece algumas ruas e também a frente da Igreja Matriz, a presença de elementos como a bandeira, a coroa, o mastro e a figura do imperador que representam os símbolos da festa aspectos estes que correspondem ao espaço fotográfico, como na foto (09). Quanto ao espaço geográfico todas as composições são em preto e branco, são negativos digitalizados tamanho 6x6, já no enquadramento não foi possível identificar pelo formato quadrado.



Festa do Divino Espírito Santo, 1961 Foto: Osmar Micucci. Arquivo digitalizado de negativos 6x6. NECC/UNEB (foto 09).

Festa de Santo Antônio

Santo Antônio de Pádua nasceu em Lisboa, Portugal, em 15 de agosto de 1195 e morreu em 13 de junho de 1231 aos 36 anos de idade. Durante sua vida religiosa se dedicou ao estudo do Evangelho enquanto vivia enclausurado, em missão conheceu uma outra concepção de santificação relacionada a pobreza e renúncia pregada pela Ordem Franciscana, a qual posteriormente ingressou. Desse modo, se tornou um santo muito popular, principalmente no Brasil, trazido pelos portugueses no período da colonização, a partir do século XIX (FERNANDES, 2016).

A festa de Santo Antônio é comemorada pelos católicos no dia 13 de junho, sendo este o santo padroeiro da cidade de Jacobina. Geralmente nestas festas prepara-se um tríduo que antecede o dia do santo, com missa seguida de procissão pelas ruas da cidade. As fotos são do fotógrafo Osmar Micucci, correspondente ao ano de 1956 são 4 fotos, que relacionado ao espaço fotográfico o pano de fundo são as ruas e a frente da Igreja Matriz já que os registros foram feitos durante a procissão. Com relação ao enquadramento, nesse caso não foi possível identificar, já que o formato da foto é quadrado. As fotos são em preto e branco, negativos digitalizados no tamanho 6x6, a nitidez varia de acordo com a habilidade do fotógrafo, a posição da câmera, qualidade e como a mesma era programada para assim obter resultados satisfatórios. Nos jornais as informações a respeito deste evento religioso eram recorrentes. No Lidador foram encontradas 06 publicações, Vanguarda 04 publicações e no A Palavra 02 publicações.

Festa de São Benedito

São Benedito nasceu na Sicília em 1524, descendente de escravos etíopes. Ingressou para a ordem dos frades menores franciscanos onde se dedicou ao serviço pastoral e também era cozinheiro, em 1589 veio a falecer. É um santo de devoção popularizado no Brasil, era intenso o culto ao santo devido a concentração de escravos que trabalharam na lavoura do café durante o século XIX (TIRAPELI, 2003). As fotos são do fotógrafo Osmar Micucci do ano de 1956, 3 fotos, o espaço fotográfico presente compreende todas tendo como pano de fundo algumas ruas da cidade em meio a elementos

da natureza como as serras, os registros foram feitos durante a procissão. Sobre o espaço geográfico todas as produções são em preto e branco, negativos no tamanho 6x6 digitalizados, o enquadramento não foi possível identificar já que o formato da foto é quadrado. Nos jornais este evento foi divulgado apenas nos periódicos O Lidador com 3 publicações e o A Palavra também com 3 publicações.

Festa de Nossa Senhora da Conceição

A festa de Nossa Senhora da Conceição é celebrada pelos católicos no dia 08 de dezembro, neste ato enaltece a honra de Maria concebida sem a mancha do pecado. Assim como discute Santos (2013) essas festas no Brasil são herança da colonização europeia e muitas são referências identitárias de indivíduos e de comunidades e revelam uma série de manifestações culturais, representações coletivas, conjuntos de crenças e visões de mundo.

Como em toda celebração em honra ao um santo (a) padroeiro acontece dias antes, com o tríduo e no dia dedicado a Nossa Senhora missa seguido de procissão pelas ruas. Pode-se identificar esse tipo de evento religioso na foto (12) de Osmar Micucci do ano de 1956. Daquele ano são 5 fotos todas em preto e branco, negativos digitalizados tamanho 6x6, sobre o enquadramento nota-se que a câmera foi posicionada de baixo para cima na intenção de capturar maior número de pessoas. Com relação ao espaço fotográfico as fotos são registros da procissão, 2 fotos nas proximidades da Igreja Matriz e outras 2 na Igreja da Conceição e uma outra que não foi possível identificar. Nos jornais esta celebração foi apenas divulgada pelo O Lidador com 6 publicações.



Festa de Nossa Senhora da Conceição, 1956. Foto: Osmar Micucci. Arquivo digitalizado de negativo 6x6. NECC/UNEB (foto 10).

Festa de Corpus Christi

Corpus Christi (Corpo de Cristo) é celebrada pelos católicos para comemorar o mistério da Eucaristia, uma das festas mais solenes no Brasil. Neste dia, as ruas das cidades são enfeitadas com tapetes feitos de materiais como serragem, borra de café, areia, tintas, sal colorido, entre outros com temáticas da vida de Jesus, citações bíblicas e temas relacionados a religião, a confecção de tapetes é uma tradição antiga da Igreja (TIRAPELI, 2003).

Em Jacobina, embora essa procissão seja bastante significativa no calendário festivo da cidade, não foi encontrada reportagem ou alguma publicação a respeito dessa temática nos jornais. Já nas fotografias é possível perceber as janelas das casas enfeitadas com pequenos altares, com velas, crucifixo e flores à espera da procissão que iria passar. Os registros produzidos por Osmar Micucci em 1956 com 11 fotos todas em preto e branco negativos digitalizados tamanho 6x6 em ambiente externo, 7 fotos nas mediações próximo a Igreja Matriz, 1 em frente à Igreja da Conceição e outras 3 não foi possível identificar a localização.

Nas fotografias das festas religiosas não há modificações quanto ao espaço físico, as celebrações em destaque aconteciam em ambientes internos nas igrejas e externos quando se tratava das procissões pelas ruas da cidade. Pode-se notar que a população que se fazia presentes nestas festividades parecia não se importar muito com a câmera fotográfica, o que passa ideia de fato vivenciarem estes momentos de fé. Com exceção dos que compunham as celebrações litúrgicas, havia uma postura no modo de se comportar, além de alguns detalhes nas vestimentas, a presença de elementos que expressam o catolicismo.

As fotografias aqui expostas são como lugares de memória, pois permite lembrar e reconhecer tais manifestações culturais enquanto expressão popular de um passado festivo da cidade. Esse lugar corresponde à necessidade de uma intencionalidade que é a de mantê-la viva, a partir da materialização desse conjunto de imagens com o intuito de preservar uma diversão da história e também, a valiosa contribuição para o desenvolvimento desse estudo sobre as festas em Jacobina.

Considerações Finais

Diante do que foi apresentado nesse artigo, ao analisar as fotografias das festividades em Jacobina pode-se notar as festas que fizeram parte do calendário festivo da cidade, enquanto manifestação cultural. E como essas festas eram significativas em seu contexto social, a exemplo da Micareta que marcou época e se tornou elemento cultural na história da cidade.

A partir dos resultados alcançados foi possível perceber que havia um silenciamento nas fotografias analisadas, quanto às festividades celebradas pela população menos abastada na cidade. A tentativa de estabelecer um controle social sobre os populares, a ideia de civilidade era muito presente naquela sociedade, então qualquer atitude que viesse romper com este ideal era imediatamente extinta ou até intencionalmente apagada na memória fotográfica da cidade. Mas, não significa dizer que tais grupos não comemoravam as festas em seus modos.

A respeito da trajetória das fotografias não há muitas informações, sendo assim implicou na realização de uma análise mais apurada sobre a produção técnica, sua vinculação, materialidade e todo o seu contexto. Embora o estudo tenha abarcado o que foi proposto, há sempre lacunas, a fotografia enquanto fonte possibilita ao pesquisador estabelecer olhares a respeito do que ela tem a dizer, perguntas que podem ser feitas e o caminho a percorrer em busca das repostas aos questionamentos.

Por fim, esse foi um estudo sobre as fotografias das festividades em Jacobina e a sua relevância enquanto manifestação cultural. O que viabiliza outras pesquisas a partir de novos olhares e diferentes perspectivas, as diversas possibilidades de análise fotográfica auxiliam no surgimento de novas temáticas e com isso, pretende-se contribuir para os estudos sobre festividades nas cidades do interior da Bahia.

Referências

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. As Mediações Culturais da Festa. In: **Revista Mediações**, Londrina, v. 3, n. 1, p.13-22, jan./jun. 1998.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRESCIANI, Maria Stela. História e historiografia das cidades, um percurso. **Historiografia Brasileira em Perspectiva** (org.) Marcos Cezar de Freitas. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001, p.237-258.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Europa, 1500-1800. Companhia de Bolso, Editora. p.307-350.

FERNANDES, Urçula Regina Vieira. **Festejos de Santo Antônio do Bairro da Terra Preta (Manacapuru- AM)**. UFAM, Manaus, 2016. (Tese em Sociedade e Cultura).

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3ª edição- Ateliê Editorial. 2002, Cotia SP. p.133-142.

LE GOFF, Jacques. 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.p.535-549.

LEONEL, Guilherme Guimarães. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.11, n. 15, 2º sem. 2010.

MAUAD, Ana Maria. “Fotografia e História: possibilidades de análise”. In CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004.

MACHADO, Sândala Cristina da Soledade. A festa do Divino, nos dois lados do Atlântico. In: **Revista Tempo Amazônico** - ISSN 2357-7274| V. 1 | N.2 | janeiro-junho de 2014 | p. 34-49.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: **Projeto História** (10), São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Valter de. “Memória fotográfica de Jacobina: investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade”. In SAMPAIO, Alan e OLIVEIRA, Valter de. **Arte e Cidade**: imagens de Jacobina. Salvador: Eduneb, 2006.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. *Cultura Fotográfica na Bahia*: Osmar Micucci e a fotografia em Jacobina. (Jacobina, 1950 e 1960). (Artigo-Revista Domínios da Imagem, Londrina, 132 ano III, n. 6, p. 129-146, maio 2010).

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Revelando a cidade**: imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina, 1955-1963). UFBA: Salvador, 2007 (Dissertação de Mestrado em História).

SANTOS, Ivanilce Silva. Festa de Nossa Senhora da Conceição através da Revista “Programa da Festa”. In: **Revista História e Cultura**, Franca-SP, v.2, n.2, p.266-288, 2013. ISSN: 2238-6270.

SANTOS, Vanicléia Silva. **Sons, danças e ritmos**: A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950). PUC: São Paulo, 2001 (Dissertação de Mestrado em História).

SILVA, Maria Manuela Ramos de Souza. “A Historiografia descobre a “festa””. In: **Hélade1** (1), Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Vânia Cristina da. **Ó Pátria Amada, Idolatrada, Salve! Salve!** Festas Escolares e Comemorações Cívicas na Paraíba (1937-1945). UFP, João Pessoa, 2011. (Tese em História e Cultura Histórica).

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.p. 13-35.

TIRAPELI, Persival. **Festas de Fé**: Brasil. São Paulo: Metalivros, 2003.